

Congresso vive clima de festas e adesões

BRASÍLIA — Os encontros festivos entre parlamentares, que apóiam a candidatura do ex-governador Fernando Collor de Mello (PRN) já se tornaram rotina em salões, corredores e plenários do Congresso. Ontem, por exemplo, enquanto sisudos senadores ocupavam a tribuna para discursar contra ou a favor do salário mínimo de NCz\$ 120, um grupo de parlamentares liderados pelo candidato a vice de Collor, senador Itamar Franco (MG), fazia a maior algazarra nos fundos do plenário.

O casal Gérson e Rita Camata, que aderiu a Collor recentemente, abraçava Itamar. O senador João Castelo (PDS-MA), que renunciou à Executiva de seu partido com a vitória de Paulo Maluf e *colloriu*, pedia aos fotógrafos que fossem “bonzinhos” e fizessem uma chapa dele com Itamar. “Vou ampliar, pôr numa moldura e mandar lá para o comitê do Collor no Maranhão”, anunciava. O deputado Arnaldo Faria de Sá (SP), o primeiro parlamentar a *collorir*, discutia números, confiante.

Subir ou descer — A cerca de 300 metros, no Ministério da Justiça, o assunto não era a briga entre Acre e Rondônia, nem o problema da volta do terror. Era o candidato do PRN à Presidência: “O senhor Fernando Collor está em ascensão, mas pode descer, como também pode subir mais ainda”, sentenciava o ministro da Justiça, Oscar Dias Correa, logo depois de empossar a professora Isabel Viana Vaz no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), órgão que trata dos crimes contra a economia popular.

Correa, articulador político oficial do governo, que tem pouco o que articular na atual fase da campanha presidencial, estava inspirado e resolveu fazer também análise de outras candidaturas: “Tanto o Leonel Brizola quanto o Lula também podem subir e descer”, disse em sua lógica de ex-presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Depois, aconselhou: “O que interessa ao ministro da Justiça é que, no próximo dia 15 de novembro, o povo vai escolher pacificamente um novo presidente da República. E, caso este povo não saiba escolher um bom candidato, que sinta então na pele durante cinco anos a sua administração para que no final do período aprenda, de uma vez por todas, a apontar o presidente que o Brasil precisa”.